

# A pandemia e a necessidade de falar sobre morte com as crianças

DOI: 10.5935/1984-9044.20210002

*Marita Pereira Penariol – Universidade Estadual do Centro Oeste; Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"*

**Resumo:** Na contemporaneidade, sobretudo na cultura ocidental, a morte ainda é considerada um tabu, pois assombra, desperta temor, medo e sofrimento. Falar sobre morte não é fácil. Porém, é algo necessário já que a finitude é uma das poucas certezas da vida. Quando o assunto envolve as crianças, isso se torna ainda mais complexo, pois elas também experienciam o processo de luto. No entanto, os pequenos possuem uma compreensão sobre o conceito de morte diferente da dos adultos. Em tempos da pandemia decorrente do novo coronavírus (SARS-CoV-2), a morte fica mais evidente tendo em vista a elevada disseminação e letalidade do vírus. Nesse sentido, propomos, por meio deste trabalho, a discussão de estratégias de abordagens sobre morte com crianças, uma vez que, com o aumento de mortes causadas pela COVID-19, ampliaram as demandas sobre as orientações de como abordar esse assunto com as crianças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pandemia; Morte; Criança.

## The pandemic and the need to talk about death with children

**Abstract:** In contemporary times, especially in Western culture, death is still considered taboo, as it awakens fear and suffering. Talking about death is not easy. However, it is necessary since finitude is one of the few certainties in life. When it comes to children, it becomes even more complex as they also experience the grieving process. However, young people have a different understanding of the concept of death than adults. In times of pandemic due to the new coronavirus (SARS-CoV-2), death is more evident in view of the high spread and lethality of the virus. In this sense, we propose, through this work, the discussion of strategies for approaches to death with children since, with the increase in deaths caused by COVID-19, the demands on the guidelines on how to approach this issue with children have increased.

**KEY WORDS:** Pandemic; Death; Child.

# Perdas, morte e luto na infância

**E**m dezembro de 2019, a cidade de Wuhan, na China, registrou os primeiros casos de pacientes acometidos por uma infecção respiratória grave. Um mês após esse acontecimento, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) chinês detectou a existência de um novo vírus – o SARS-CoV-2, causador da doença denominada de COVID-19. Dado o elevado potencial de transmissão e contágio pelas vias respiratórias, rapidamente o vírus se alastrou por todo o mundo, fazendo diversas vítimas. À vista disso, no dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a “pandemia” de COVID-19, em razão da disseminação vertiginosa dessa doença infecciosa em nível global. Desde então, a doença advinda do novo coronavírus causou e ainda

está causando inúmeras perdas no mundo todo. São pessoas morrendo e perdendo em vários aspectos: é o mundo enlutado. Por esse motivo, a pandemia atual nos coloca, mais do que nunca, diante da necessidade de falar sobre a morte e sobre o luto, especialmente com as crianças que estão vivenciando um evento inédito, com profundas transformações. Dentre as principais consequências, podemos elencar o distanciamento afetivo e social, a perda da liberdade, a privação do contato com os amigos e familiares, a alteração da rotina, o início do ensino remoto, as perdas financeiras, as perdas concretas representadas pela morte de familiares e pessoas próximas. Em muitos casos, as perdas de familiares podem ser múltiplas, ou seja, a morte do pai e da mãe,

do avô e da avó, do tio e da tia, de mais de um irmão etc., já que a propagação do vírus pode ocorrer mais facilmente entre membros de uma mesma família, em decorrência da proximidade.

No que tange ao atual contexto pandêmico, destacamos os números estarrecedores de vítimas fatais da COVID-19, no Brasil e no mundo. Até o dia 24 de outubro de 2021, o Brasil contabilizou 605.644 mortes provocadas pela COVID-19 (Brasil, 2021) e aproximadamente 4.932.928 óbitos no mundo (OMS, 2021). De acordo com a literatura, uma única morte pode impactar diretamente a vida de 4 a 10 pessoas, isto é, entre 2.422.576 a 6.056.440 pessoas enlutadas exclusivamente por essa doença no país e de 19.731.712 a 49.329.280 enlutados num contexto global. Nesse sentido, esse é um período em que a morte é escancarada e se torna uma ameaça constante, visto que

todos nós, com maior ou menor probabilidade, estamos sujeitos à contaminação, ao adoecimento e às consequências mais severas da doença. Destarte, o risco de morte é iminente. Diante desse cenário preocupante, propomos o presente trabalho, cujo objetivo é contribuir com estratégias de abordagem e conversas sobre morte com as crianças.

Assim como os adultos, as crianças também passam por situações de perdas ao longo da vida. Tais perdas podem ser reais – como a separação dos pais, uma mudança de professor, de escola, de cidade, a morte do animal de estimação ou de algum ente querido – ou simbólicas, como o desmame e a relação de ligação intensa com a mãe, a chegada de um irmãozinho e a perda da exclusividade, o primeiro dia na escola (já que esse distanciamento dos pais pode gerar angústia na criança), o final da infância, pois implica diversas

transformações biopsicossociais, dentre outras.

As perdas, em geral, provocam uma variedade de sentimentos e reações intensas, característicos do processo de luto. Dessa forma, consideramos que essas vivências na infância significam a perda de um mundo conhecido e, por consequência, seguro, acolhedor, mas que, repentinamente, promove mudanças abruptas. Essas modificações coincidem justamente com o período em que o psiquismo da criança está em desenvolvimento, assim como o conceito de morte, porque é a partir da infância que ela irá se deparar com tais experiências.

Todavia, na contemporaneidade, sobretudo na cultura ocidental, a morte ainda é um tema tabu, pois assombra, desperta temor, medo, angústia, dentre outras sensações. Logo, falar sobre morte não é fácil. Porém, é algo necessário, já que as perdas e as

mortes são fenômenos naturais inerentes à vida humana. Quando o assunto envolve as crianças, esse assunto torna-se ainda mais complexo e delicado, uma vez que elas também vivenciam o luto, embora possuam uma compreensão diferente do conceito de morte. Apesar de as sensações e emoções decorrentes de uma perda serem igualmente sentidas pelas crianças, elas nem sempre possuem recursos disponíveis de enfrentamento, ou seja, não conseguem expressar ou nomear seus sentimentos, mas apresentam sinais deles. Por isso, é imprescindível que estejamos atentos a essas expressões não verbais das emoções.

O luto pode ser definido como um conjunto de reações diante de uma perda, real ou simbólica. É um processo interno, não linear, e está ligado diretamente às características individuais de personalidade e à intensidade do laço afetivo entre a pessoa e o

falecido ou o objeto de perda (Parkes, 2009). Questões sociais, culturais, a história de vida de cada sujeito e suas experiências prévias com perdas, dentre outros fatores, também influenciam o processo de luto. Kovács (2015) revela que as reações associadas às perdas podem interferir em nossos aspectos físico, social, intelectual, emocional e espiritual.

Com relação ao processo de luto normal na infância, Tinoco (2007, p. 60–61) revela que:

podemos encontrar manifestações de lembranças persistentes da pessoa perdida, frequente saudade, choro, tristeza e culpa – sentimentos que também podem ser observados em adultos. É comum a criança apresentar intensa angústia

e raiva (...) Outras reações que podem ser encontradas em crianças que estão em processo de luto são: medo de morrer ou de que outra pessoa querida morra; ansiedade de separação; comportamentos agressivos; euforia; depressão; apatia; pesadelos; perda ou aumento de apetite; perda ou aumento de sono; adoecimento; comportamentos agressivos; hiperatividade; rebaixamento da autoestima; impotência; sentimento de ter sido abandonada; dificuldade de pensamento e de concentração; distúrbios de aprendizagem; retraimento social; ideação suicida.

Com esse panorama sobre perdas, morte e luto na infância, pretendemos discutir como a criança compreende o conceito de morte.

## A compreensão do conceito de morte na infância

As crianças, ao longo de seu desenvolvimento, vão aperfeiçoando a compreensão do conceito de morte. Bowlby (1990) descreve que, do nascimento aos 2 anos de idade, a criança percebe a morte como ausência, falta e abandono. Torres (2012), em seus estudos fundamentados na teoria de Piaget, discorre sobre como as crianças entendem o fenômeno da morte, de acordo com cada etapa de seu desenvolvimento cognitivo. No estágio pré-operacional, entre 2 e 7 anos, a criança acredita ser um evento temporário e reversível, que, em algum momento, o falecido retornará, pois, em função do pensamento mágico e egocêntrico característico dessa fase, creem que tudo é possível – inclusive a sua reversibilidade. Isso ainda ocorre por influência dos desenhos infantis, cujos roteiros são fantasiosos, permitindo o retorno do personagem que morreu. Entre 7 e 11 anos, na fase denominada “operações

concretas”, geralmente a criança já inicia sua compreensão da morte como um processo irreversível e permanente, não atribuindo vida ao indivíduo morto. Contudo, não consegue dar explicações biológicas para esse acontecimento. Por fim, a partir dos 11 anos, etapa das operações formais, a criança irá internalizar de modo abstrato o conceito de morte, dando explicações mais elaboradas, como as de ordem fisiológica ou até mesmo teológica (Torres, 2012).

O fato de as crianças, a depender de seu estágio do desenvolvimento, não expressarem verbalmente sobre a morte não significa que elas não vivenciam o luto. Dessa forma, precisamos estar preparados no acolhimento, na escuta e, principalmente, na comunicação desse acontecimento, pois silenciar ou omitir uma perda poderá ter sérias implicações no

processo de luto. Silenciar não é sinônimo de resolver. As coisas não mudarão ou deixarão de ocorrer simplesmente por não falarmos sobre elas. Dialogar com uma criança sobre o que aconteceu e entender como está se sentindo poderá ser bastante significativo em seu processo de luto e na busca de uma nova maneira de ser e existir no mundo.

Quando consegue elaborar uma perda, a criança passa a

apresentar um bom desenvolvimento. Esse acontecimento pode contribuir para o enfrentamento de perdas futuras e de novas situações. Por outro lado, se ela não conseguir elaborar de alguma forma e não tiver suporte e apoio, poderá desencadear um luto denominado complicado. Essa vivência traumática poderá ser um fator de risco no desenvolvimento emocional, relacional e cognitivo na infância dessa criança, estendendo-se até a vida adulta.

## **Estratégias de comunicação sobre a morte com crianças**

No que diz respeito a como comunicar a morte de um familiar para a criança, muitas dúvidas e mitos são recorrentes. Não pretendemos esgotar toda essa discussão, dada a sua complexidade, e muito menos produzir um manual a ser seguido

por todos, pois devemos considerar a singularidade, sobretudo no modo de lidar e elaborar uma perda e o fato de que cada situação é única. O propósito deste trabalho é propor um conjunto de informações orientadoras para pais,

responsáveis, cuidadores e educadores sobre como abordar esse assunto com as crianças.

As principais demandas acerca de como conversar com as crianças e contar sobre o falecimento de um ente querido são: quem deve contar para essa criança sobre a morte? É de suma importância que essa conversa seja com alguém da confiança da criança e que ela se sinta segura e amparada. A escolha de quem assumirá essa função dependerá de quem faleceu, porque poderá ser o caso de os próprios genitores terem falecido e outro familiar se encarregar dessa atribuição. Como deve ser essa comunicação? De forma clara e simples, respeitando o ritmo da criança e seu desenvolvimento cognitivo, ao conceder a informação (Dalton et al., 2019).

Posto isso, é fundamental compreender em que fase do desenvolvimento ela se encontra

para analisar o seu entendimento sobre o que é a morte. O principal é dizer a verdade, com respostas concretas, para melhor entendimento, uma vez que o segredo e a omissão podem gerar fantasias, confusão, insegurança, medo e até culpa. Kübler-Ross (2018, p. 11) salienta ainda que “recorremos aos eufemismos; fazemos com que o morto pareça adormecido”, pois muitos adultos utilizam metáforas para explicar a morte. Certas expressões como “virou estrelinha, foi morar no céu, foi viajar, está dormindo, foi descansar, Deus quis” são muito usadas, com a finalidade de amenizar o sofrimento dos pequenos, podendo ter sérias implicações. Isso pode ser tão negativo quanto o silêncio, visto que a criança pode trazer discursos de que também quer morrer para se encontrar com a pessoa que morreu ou querer virar estrela para ficar próxima à pessoa ou ainda ter medo de viajar ou dormir.



A pessoa responsável pela comunicação deve planejar e se organizar, minimamente, para comunicar à criança e, além de manifestar uma atitude flexível, empática e receptiva, oferecer um colo, um abraço, um carinho. Contudo, não podemos nos esquecer de que esse familiar adulto também está sofrendo por essa perda. Portanto, expressar sentimentos e chorar perto da criança não é prejudicial, pelo contrário, ajudará a entender que a morte implica dor, separação, saudade e tristeza. Isso autoriza as crianças a manifestarem suas emoções. Por isso, cabe ao adulto, primeiramente, acolher a sua dor para poder ajudar o outro. É preciso ter paciência, estar sempre aberto e acolher a criança com as várias perguntas que surgirão e, caso não saiba responder, ser sincero é sempre melhor. Tudo bem em assumir que não sabemos de tudo, principalmente nas questões relacionadas ao pós-morte, já que

cada um tem uma crença. É imperioso, no entanto, mostrar disponibilidade e segurança, pois, ao se deparar com a perda, a criança poderá sentir medo de outras perdas sucessivas. Diga que ela nunca estará sozinha, descreva quem poderá assumir esse cuidado e com quem ela poderá contar.

Ademais, é recomendado que se comunique a escola sobre o ocorrido, para que estejam preparados para acolher essa criança. Quando dizer? Se for o caso de uma morte em decorrência de um problema de saúde, é aconselhável que informe à criança desde o início sobre a doença desse familiar, a fim de que ela construa uma narrativa e acompanhe, na medida do possível, os acontecimentos. Esse processo ajudará no momento de relatar sobre as complicações e, conseqüentemente, a morte desse familiar. Isso inclui as mortes

decorrentes da COVID-19, pois, por mais repentinas e rápidas que elas aconteçam, geralmente há algum sintoma inicial, e a necessidade de internação, a depender do caso, com complicações irreversíveis, levando ao óbito. Mesmo que de maneira acelerada, na morte pela COVID-19 há um processo de agravamento gradual no quadro clínico do paciente.

Entretanto, a hospitalização ou até mesmo o encaminhamento desse paciente para a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) não significam o preparo desses familiares para lidar com a morte, porque alimentamos a esperança de uma melhora, quando não de um milagre. Em alguns casos, até pensamos no risco de morte, ainda que prefiramos a negação dessa possibilidade. O ideal, no entanto, é não demorar muito para contar, visto que a criança poderá observar as mudanças e ouvir as conversas. E, para a

criança, lidar sozinha com isso poderá ser ainda mais difícil, além da possibilidade de saber por outras pessoas, situação em que não teremos o controle de como essa informação será transmitida. Onde se deve informar a criança sobre a condição do familiar em risco? O local ideal para essa conversa também deve ser considerado, priorizando-se um lugar de referência, conforto, proteção e segurança para a criança. Sobre esse assunto, manifesta-se Kübler-Ross (2018, p.10):

O fato de permitirem que as crianças continuem em casa, onde ocorreu uma desgraça, e participem da conversa, das discussões e dos temores, faz com que não se sintam sozinhas na dor, dando-lhes o conforto de uma responsabilidade e luto compartilhados. É uma preparação gradual, um incentivo para que encarem a morte como parte da vida, uma experiência que pode ajudá-las a crescer e amadurecer. Isso contrasta muito com uma sociedade em que a morte

é encarada como tabu, onde os debates sobre ela são considerados mórbidos, e as crianças afastadas sob o pretexto de que seria “demais” para elas.

Com essas considerações, enfatizamos a importância de contar a verdade à criança, reconhecer o luto dela e admitir que ela é parte da família e precisa ser incluída em todos os sentidos, inclusive nas situações de perdas.

É comum que cuidadores, quando ocorre a morte de um familiar ou de alguém próximo, tenham dúvida se devem levar ou não a criança às cerimônias de despedida, especificamente em velórios e enterros. Cabe aos adultos, em caso de dúvida, explicar às crianças o que é, como funciona, o que acontece, e perguntar sobre a sua vontade de ir ou não, sempre respeitando esse desejo. Todavia, se a morte desse indivíduo seja decorrente da COVID-19, não há a

possibilidade da realização dessa despedida, de modo presencial. E agora, como ritualizar a morte? Mesmo diante do impedimento do velório, é importante que tanto os adultos quanto as crianças encontrem uma alternativa, ainda que de modo virtual.

Dentre as possibilidades disponíveis, podemos propor a organização de uma cerimônia virtual, personalizada, ou seja, planejá-la de acordo com o desejo dos familiares e, principalmente, do falecido. Pode ser uma oportunidade de reunir a família numa videochamada; se for um sujeito que gostava de música, sugerir um sarau; um encontro *online* para compartilhar histórias e memórias do falecido; ou, ainda, organizar um rito religioso ou espiritual etc. Outra possibilidade, essa presencial, seria organizar um almoço com as comidas prediletas do falecido, ocasião em que cada núcleo

familiar poderá trazer um dos pratos.

Tais iniciativas são importantes porque, por mais que os adultos tentem esconder, os pequenos são capazes de perceber as transformações decorrentes dessa perda, sentir um clima diferente, ouvir conversas paralelas e presenciar reações de choro, lamento e tristeza. É imprescindível, então, antecipar-se e explicar sobre o acontecimento da morte, o que ela significa e esclarecer as dúvidas, conforme as demandas

da criança. Nesse sentido, além de perguntar sobre a vontade da criança de participar ou não dos rituais e cerimônias de despedida, sejam elas presenciais, sejam virtuais, podemos ainda adotar uma diversidade de recursos lúdicos, como o uso de massinha de modelar, desejos projetivos, desenhos animados, filmes, livros que abordem o assunto, a escrita de uma carta para o falecido, dentre outras ferramentas. Esses dispositivos auxiliarão no processo de elaboração do luto.

## Educação para a morte na infância

É essencial educarmos as crianças para as perdas que elas vivenciarão ao longo da vida, inclusive, para as perdas físicas – como a morte. Essa educação deve ocorrer não apenas em seus lares,

mas também na escola, onde os educadores devem incluir essa temática entre os conteúdos pedagógicos. As discussões podem ocorrer por meio de conversas informais,

experimentos, como, por exemplo, a demonstração do ciclo de vida das plantas e dos animais, atividades lúdicas, desenhos, livros, filmes, dentre outras estratégias de abordagem.

Com relação à literatura infantil, na atualidade, contamos com uma variedade de livros para crianças de todas as idades, a fim de auxiliar na compreensão da morte. Há obras com atividades interativas, para que a criança reflita e expresse suas emoções, relembre histórias com o ente querido etc. Sobre isso, gostaríamos de mencionar alguns exemplos de livros que podem ser explorados com as crianças, a saber: *Quando alguém muito especial morre: as crianças podem aprender a lidar com a tristeza* (Heegaard, 1998); *O que acontece quando alguém morre?* Um guia para as crianças lidarem com a morte e os funerais (Mundy, 2011); *O pato, a morte e a tulipa* (Erlbruch, 2009); *O dia em que o*

*passarinho não cantou* (Mazzorra & Tinoco, 2018); *O vovô não vai voltar?* Trabalhando o luto com crianças (Neufeld & Reis, 2015); *E agora?* Um livro para crianças lidando com o luto por suicídio (Scavacini, 2014); *É assim* (Valdivia, 2012); *Por que Elvis não latiu?* (Frizero, 2010); *É triste quando alguém morre* (Mundy, 2014); *Meu filho pato: E mais contos sobre aquilo que ninguém quer falar* (Brenman, 2011); *Quando seus avós morrem: um guia infantil para o pesar* (Ryan, 2004); *Para onde vamos quando desaparecemos?* (Martins, 2015); *O livro do adeus* (Parr, 2017); *O urso e o gato-montês* (Yumoto, 2012); *Quando abro os olhos* (Bruziené, 2015); *Íris: uma despedida* (Mebs, 2013); *Pode chorar, coração, mas fique inteiro* (Ringtved, 2020); *O dia em que a morte quase morreu* (Branco, 2006); *Mas por quê?! A história de Elvis* (Schössow, 2008); *O coração e a garrafa* (Jeffers, 2019); *A árvore das lembranças* (Teckentrup, 2014).

No que diz respeito aos recursos filmicos para discutir as questões relativas à morte e ao luto na infância, podemos destacar: *Bambi* (1942), *O rei leão* (1994, 2019), *Lilo & Stich* (2002), *Irmão Urso* (2003), *Operação Big Hero* (2014), *Divertidamente* (2015), *Festa no céu* (2014), *O bom dinossauro* (2015), *Viva – a vida é uma festa* (2017), *Up – altas aventuras*, *A caminho da lua* (2020), *Soul* (2020).

Há ainda vídeos disponíveis na internet, tanto para crianças

como para cuidadores e professores, que abordam questões relacionadas às perdas. Instrumentos e oportunidades como essas, seguidas de amor, cuidado, acolhimento, escuta e muita empatia são imprescindíveis para a criança superar a dor e o sofrimento decorrentes do momento, além de contribuir para que se sintam mais fortes para os diversos desafios que enfrentarão ao longo da vida.

## Considerações finais

Diante do exposto, destacamos que a morte na contemporaneidade ainda constitui um verdadeiro tabu. Como somos educados exclusivamente para a vida, consciente ou inconscientemente caminhamos em direção à negação da morte, como se fosse

possível adiá-la ou até mesmo evitá-la, por meio de recursos estéticos e tecnológicos. Contudo, a pandemia da COVID-19 evidencia a nossa fragilidade, o medo e o temor diante da morte, seja pelas milhares de mortes noticiadas massivamente, nos meios de comunicação, seja pela

possibilidade de contaminação pelo vírus e o comprometimento das condições de saúde pela doença, isto é, o risco iminente de morreremos brevemente, seja ainda pela morte de familiares e/ou pessoas de nosso convívio.

Nessa perspectiva, enfatizamos a necessidade de uma educação

também voltada para a morte. O contexto pandêmico revela a urgência de refletirmos sobre o modo de nos relacionarmos com as questões associadas à morte e, mais ainda, de pensarmos em estratégias de comunicação, cuidado e acolhimento ao luto das crianças.

## Referências

**Bowlby, J.** (1990). Formação e rompimento dos laços afetivos. 2. ed. Martins Fontes: São Paulo.

**Branco, S.** (2006). O dia em que a morte quase morreu. Brasília: Salesiana.

**Brasil** (2021). COVID-19 – Painel Coronavírus. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 25 out. 2021.

**Brenman, I.** (2011). Meu filho pato: E mais contos sobre aquilo que ninguém quer falar. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

**Bruziené, A.** (2015). Quando abro os olhos. São Paulo: Mov Palavras.

**Dalton, L. et al.** (2019). Communicating with children about life-threatening conditions. *The Lancet*, v. 393, p. 1164-1176.

**Erlbruch, W.** (2009). O pato, a morte e a tulipa. São Paulo: Cosac & Naify.

**Frizero, R.** (2010). Por que Elvis não latiu? Porto Alegre: BesouroBox.

**Heegaard, M.** (1998). Quando alguém muito especial morre: as crianças podem aprender a lidar com a tristeza. Porto Alegre: Artmed.

**Jeffers, O.** (2019). O coração e a garrafa. São Paulo: Salamandra.

**Kóvacs, M. J.** (2015). *Morte e desenvolvimento humano*. 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

**Kübler-Ross, E.** (2018). *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios*. Tradução de Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes.

**Martins, I. M.** (2015). *Para onde vamos quando desaparecemos?* São Paulo: Tordesilhinhas.

**Mazzorra, L. & Tinoco, V.** (2018). *O dia em que o passarinho não cantou*. 2. ed. São Paulo: Zagodoni.

**Mebs, G.** (2013). *Íris: Uma despedida*. São Paulo: Pulo do Gato.

**Mundy, M.** (2011). *O que acontece quando alguém morre? Um guia para as crianças lidarem com a morte e os funerais*. São Paulo: Paulus.

**Mundy, L.** (2014). *É triste quando alguém morre*. São Paulo: Paulus.

**Neufeld, C. B. & Reis, A. H.** (2015). *O vovô não vai voltar? Trabalhando o luto com crianças*. Novo Hamburgo: Sinopsys.

**Organização Mundial de Saúde. OMS** (2021). *Coronavirus disease (COVID-19) pandemic*. Disponível em:  
<[https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019?adgroupsurvey={adgroupsurvey}&gclid=CjwKCAjwq9mLBhB2EiwAuYdMtdYsTzNLMDf1YRLoUym6JDsUdp5EReahm3WMDr2uITD\\_gtysYiotoBoCP5QQAvD\\_BwE](https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019?adgroupsurvey={adgroupsurvey}&gclid=CjwKCAjwq9mLBhB2EiwAuYdMtdYsTzNLMDf1YRLoUym6JDsUdp5EReahm3WMDr2uITD_gtysYiotoBoCP5QQAvD_BwE)>. Acesso em 25 out. 2021.

**Parkes, C. M.** (2009). *Amor e Perda: as raízes do luto e suas complicações*. Tradução de Maria Helena Pereira Franco. São Paulo: Summus.

**Parr, T.** (2017). *O livro do adeus*. São Paulo: Panda Books.

**Ringtved, G.** (2020). *Pode chorar, coração, mas fique inteiro*. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

**Ryan, V.** (2004). *Quando seus avós morrem: um guia infantil para o pesar*. São Paulo: Paulus.

**Scavacini, K.** (2014). *E agora? Um livro para crianças lidando com o luto por suicídio*. São Paulo: All Print.

**Schössow, P.** (2008). *Mas por quê?! A história de Elvis*. São Paulo: Cosac & Naify.

**Teckentrup, B.** (2014). *A árvore das lembranças*. Rio de Janeiro: Rovellet.

**Tinoco, V.** (2007). *O luto em instituições de abrigamento: um desafio para cuidadores temporários*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.



**Torres, W. C.** (2012). A criança diante da morte: desafios. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

**Valdivia, P.** (2012). É Assim. São Paulo: SM.

**Yumoto, K.** (2012). O urso e o gato-montês. São Paulo: Brinque-Book.